

ISBN: 978-972-8509-48-4

Atas do Ciclo de Conferências sobre “Convento de Nossa Senhora dos Remédios e a Ordem do Carmo em Portugal e no Brasil” associado à Exposição

“Convento de Nossa Senhora dos Remédios”

(Convento dos Remédios. Évora, 22, 23 e 24 Maio 2013)

www2.cm-evora.pt/conventoremedios

História e Espiritualidade da Reforma de St^a Teresa de Jesus

Pe. Jeremias Vechina

Ordem dos Carmelitas Descalços

jeremias@carmelitas.pt



CARMELO TERESIANO

História e Espiritualidade da Ordem dos Carmelitas Descalços

Falar da Ordem dos Carmelitas Descalços é falar dos Carmelitas reformados por Santa Teresa de Jesus e São João da Cruz, Ordem também conhecida por Carmelo Teresiano. Teresiano porque o Carisma vem de Santa Teresa a quem se juntou, pouco tempo depois, São João da Cruz. Mas é bom acentuar, à partida que caso único na Igreja, a Ordem é só uma. Está composta por Irmãos e Irmãs. Não devemos pensar que Santa Teresa só reformou as Irmãs e São João da Cruz, os Irmãos. Ambos os Santos são autores da reforma das Irmãs e dos Irmãos carmelitas. E, tratando-se duma Ordem reformada, não podemos prescindir das suas origens, uma vez que Santa Teresa quis voltar ao espírito dos santos Padres do Monte Carmelo.

Origem da Ordem do Carmo

Por norma as Ordens religiosas tomam o nome do lugar onde nasceram, ou da pessoa que esteve na sua origem. A Ordem do Carmo tomou o nome do lugar: o Monte Carmelo¹. As suas origens, pouco claras, encontravam-se disseminadas num verdadeiro labirinto histórico. Existiam muitas lendas piedosas e edificantes e uma série de documentos, mal interpretados no passado, que, nos últimos anos, mereceu a atenção de alguns estudiosos, descobrindo-se, então, toda a sua riqueza, que revela um rosto novo, historicamente verdadeiro, dos começos.

A origem remonta ao tempo dos cruzados. Muitos, procedentes da Europa ocidental, dirigiram-se para a Terra de Jesus com o intuito de conquistar os lugares santos em poder dos muçulmanos. Estamos no século XII, por alturas da terceira cruzada, anos 1189-1192. Conseguido o seu objectivo, parte deles já não regressou, mas retirou-se para o recanto mais bonito e fértil da Palestina: a montanha do Carmelo.

A estes cruzados vêm-se juntar os eremitas, um género de cristãos que se fixou nesta zona, e vive um eremitismo diferente. Enquanto o eremitismo corrente vivia em absoluta solidão, o que começa a aparecer introduz o elemento comunitário. Preside um mestre, reconhecido pela sua sabedoria e santidade, rodeado de discípulos. Não vivem isolados. Alguns deles acabarão por formar, depois, verdadeiras Congregações eremíticas ou novas Ordens que, progressivamente, se transformarão em Ordens mendicantes.

¹ O Monte Carmelo não é tanto uma montanha quanto uma cordilheira que se estende em direcção noroeste, desde Meggido até ao Mediterrâneo, onde penetra o promontório, formando o lado sul da baía de Haifa. A linha montanhosa bordeia a costa numa distância de 34 Kms com encostas, vegetação frondosa, profundos vales e amplas vistas para o Mediterrâneo e para as colinas da Galileia era o lugar ideal para o retiro, a oração e a contemplação. Tudo leva a pensar que foi nesta época que se estabeleceu aqui um grupo de eremitas latinos formado por penitentes e peregrinos que adoptam a forma de vida dos movimentos espirituais da época.

Enquanto os monges, pelas estruturas dominantes, viviam separados da sociedade, estes novos eremitas entram frequentemente em contacto com o povo. A necessidade de sobrevivência levava-os a vender ou a intercambiar os produtos dos seus trabalhos manuais, mantendo, assim, o contacto com as pessoas. Por sua vez, o povo também recorria a eles à procura de conselho. E quando estava em causa a necessidade desta gente, o eremita não tinha escrúpulo em privar-se do seu retiro e solidão, para, desta maneira, se tornar pregador ambulante.

A este fenómeno de eremitismo, que vimos referindo, aparece também unido o da peregrinação, como, por exemplo, o da Cruzada. Este tinha um cariz penitencial e era muitas vezes selado com um voto que levava consigo a permanência na Terra Santa durante toda a vida. O peregrino e o cruzado seguiam a Cristo no sentido literal dos tempos feudais, consagrando-se de alma e corpo ao serviço do seu Senhor e dispostos a dar a vida para estabelecer e defender o seu reino num determinado território.

Se queremos compreender o conteúdo carismático que deu origem aos primeiros Carmelitas, devemos considerar todos estes movimentos e situá-los no seu contexto histórico-religioso e social dos séculos XII e XIII. A data do início é ponto de discussão e difícil de precisar.

Os eremitas do Monte Carmelo

Embora Jaime de Vitry pareça indicar que os eremitas ocidentais se tenham estabelecido no Carmelo desde os primeiros tempos da conquista da Terra Santa, só temos testemunhos fidedignos desta presença nos últimos anos do século XII. O rabino espanhol Benjamim de Tudela, no ano 1163, viu uma igreja edificada por dois cristãos perto da cova de Elias e dedicada ao Profeta. E João Focas, monge grego de Patmos, encontrou, por volta do ano 1174, um grupo de monges perto da mesma cova.

Os eremitas latinos do Monte Carmelo são leigos cristãos que vivem em "santa penitência", oração centrada na Palavra de Deus, às vezes com a Eucaristia. Vivem a espiritualidade da peregrinação aos lugares santos e na procura do Reino do Senhor que se há-de instaurar na terra que o viu nascer. As estruturas deste género de vida são muito simples e favorecem a oração, o silêncio e a solidão. O grupo, que vive junto à fonte de Elias, encontra-se sob a direcção de um deles (o irmão "B", recordado mais tarde no texto da Regra Carmelita e identificado pela tradição como Brocardo).

A partir do momento em que se consolida, o grupo deseja ter uma organização mais sólida e pede uma Regra, ou norma de vida, ao Patriarca Alberto de Jerusalém, que vivia naquele altura, para maior segurança, em S. João de Acre, a poucos kms do Carmelo. Ele deu-lhes uma Regra "de acordo com o projecto deles". Uma vez que o Patriarca se encontrava tão perto do Carmelo é fácil que tivesse conhecido pessoalmente a vida destes eremitas. Não se sabe ao certo quando é que lhes entregou a Regra, mas deve ter sido pelo ano de 1207.

A Regra revitalizou de tal maneira este Ermo do Carmelo que as vocações começaram a aparecer em grande número, de modo que estes ermos se multiplicaram rapidamente.

Quanto tempo é que Brocardo governou este Ermo do Carmelo e quem foram os seus sucessores imediatos na primeira metade do século XIII não se sabe. O seu sucessor parece ter sido Bertoldo, uma vez que aparece assim chamado no catálogo dos santos Carmelitas. O mesmo catálogo refere que muitos irmãos sofreram a morte às mãos de infiéis.

Mais tarde, construiu-se um pequeno convento e no meio deste levantou-se uma pequena capela dedicada a Nossa Senhora, dando origem a que, com o tempo, comessem a ser conhecidos como *Irmãos Bem-Aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo*, título que, em 1252, aparece na Bula Pontifícia e, provavelmente, já antes seriam conhecidos assim pelo povo.

Elias, "fundador da vida religiosa e carmelita"

O lugar escolhido pelos eremitas é digno de ser mencionado: a fonte de Elias. Isto marcou profundamente a história da Ordem do Carmo. A recordação dos profetas Elias e Eliseu é forte em muitos lugares da Palestina. O mais normal é que o peregrino que deixa S. João de Acre a caminho de Jerusalém, passando pelo Carmelo, informasse os seus leitores que ali esteve a residência dos Profetas Elias e Eliseu.

Estes eremitas do Carmelo eram conhecedores do testemunho dos escritos patrísticos e da literatura eremítica que apresentava o Profeta como modelo e fundador da vida solitária. As Constituições da Ordem de 1281 respondem assim a quem pergunta pelas origens da Ordem:

"Dizemos em testemunho da verdade que desde os tempos dos profetas Elias e Eliseu, que viveram piedosamente no Monte Carmelo, alguns santos Padres do Antigo e do Novo Testamento se sentiram atraídos pela solidão do mesmo para a contemplação das coisas celestiais. Ali, junto à fonte de Elias, perseveraram louvavelmente em santa penitência, constantemente acompanhada de actos de virtude. Alberto, patriarca de Jerusalém, no tempo de Inocêncio III, reuniu os seus sucessores em comunidade e deu-lhes uma Regra, a qual Inocêncio e muitos outros papas confirmaram com as suas Bulas e aprovaram. Nós, os seus seguidores, observando esta mesma Regra, servimos o Senhor, até ao dia de hoje, nas diversas partes do mundo"².

Este primeiro documento sobre a identidade carmelita apresenta a herança Eliana como a semente que germinaria durante os séculos futuros. Aqui encontramos duma maneira sintética o que será uma constante da auto-consciência dos Carmelitas.

Regresso à Europa

Enquanto o Ermo do Carmelo ia crescendo e estabilizando, forças externas trabalhavam para o destruir. Na terceira década do século XIII, Frederico II negociava em 1229 um tratado de paz que duraria 10 anos, com o sultão MaliK al-Kamel. Quando esta trégua caminhava para o fim, a situação dos Carmelitas na Terra Santa tornava-se cada vez mais complicada. Em 1239 os cruzados sofreram em Gaza uma grande derrota levada a cabo pelos muçulmanos. Perante esta situação muitos eremitas do Monte Carmelo decidiram deixar a Terra Santa e voltar aos seus lugares de origem na Europa.

O Papa Inocêncio IV escrevia a 26 de Julho de 1246:

"As incursões dos pagãos obrigaram os nossos queridos filhos os eremitas do Carmelo, não sem grande aflição de espírito por sua parte, a deixar aquele lugar e passar a terras de aquém do mar".

Apesar de possuímos certos dados acerca da vinda para a Europa não é fácil determinar a data pois não se sabe se com essas datas se pretendia indicar o início, a fase culminante, ou a finalização do fenómeno da emigração. Embora Vicente de Beauvais (+ 1264) aponte o ano de

² *Constitutiones cap. Londinensis anni 1231*, ed. De L. SAGGI, *Analecta Ord. Carm.* 15 (1950), p. 231.

1238 esta data deve ser considerada aproximada pelas razões que acabamos de expôr. Não foi uma emigração que se deu de forma repentina e inesperada, portanto num só ano.

Expansão na Europa

Os Carmelitas, ao passarem para a Europa, encontraram grandes dificuldades: eram considerados estrangeiros e praticavam uma Regra desconhecida, o que despertou muitas suspeitas da parte dos bispos. Depois de algum tempo depararam-se com o dilema: ou se adaptam às Ordens mendicantes existentes ou desaparecem, uma vez que não era desejável a existência de mais Ordens religiosas. Optaram pela subsistência, dando origem a graves problemas, tanto internos como exteriores à Ordem. Nesta situação difícil foi encontrado o homem providencial para resolver este assunto, Simão Stock, eleito Prior Geral no Capítulo celebrado em Aylesford em 1247.

Este enviou ao Papa Inocêncio IV, que por aquele tempo se encontrava em Lyon, dois religiosos com a incumbência de que o Papa "se dignasse clarificar e corrigir certas dúvidas e mitigar certos rigores" da Regra de Santo Alberto. O Papa designou para isso o Cardeal Hugo de São Caro, dominicano, e Guilherme, Bispo de Antardus, também da mesma Ordem.

O resultado deste trabalho foi publicado no dia 1 de Outubro de 1247, como Carta Pontifícia (Quae honorem Conditoris), em que se incluiu o texto modificado da Regra. Resolvidos estes problemas a Ordem foi-se difundindo por toda a Europa.

Nos finais do século XIII a Ordem já contava com 150 conventos, divididos em 12 províncias religiosas: Terra Santa, Sicília, Inglaterra, Provença, Toscana, França, Alemanha Inferior, Lombardia, Aquitânia, Espanha, Alemanha Superior, Escócia-Irlanda³.

Instituição de religiosas

A meados do ano de 1452 o P. Geral da Ordem João Soreth criou o ramo feminino do Carmelo, uma das realizações mais importantes do seu governo, que obteve um grande florescimento na Igreja. É certo que já a partir do século XIII muitas piedosas mulheres se recolhiam em casas particulares para se dedicarem à prática da perfeição evangélica por meio da oração e da penitência, tomando como norma de vida a Regra da Ordem. Contudo não eram reconhecidas oficialmente. Atendendo ao pedido destas comunidades, que queriam ser admitidas e reconhecidas canonicamente como Carmelitas, o Papa Nicolau V reconheceu-as e aprovou-as a 5 de Outubro de 1452, dando-lhes o direito de compartilhar a vida do Carmelo. E os mosteiros foram-se espalhando por toda a Europa.

³ O primeiro convento da Ordem fundado em território que mais tarde se chamou Portugal é o de Moura. A data não se conhece ao certo, mas aponta-se para o primeiro terço do século XIV. O segundo foi o Carmo de Lisboa, fundado pelo Santo Nuno Álvares Pereira, em finais do século XIV. O primeiro documento oficial sobre a fundação encontramo-lo numa Bula de Urbano VI, de 8 de Dezembro de 1386.

Decadência da Ordem

A Ordem do Carmo, bem como outras Ordens, passou por um período de decadência: foi-se perdendo o espírito de recolhimento e o fervor primitivo. Isto aconteceu nos últimos decénios do século XIV e durante todo o século XV.

O que esteve na origem desta situação foi:

A peste negra que teve lugar na Europa pelos anos 1348-1350.

O Cisma de Ocidente (1378-1417).

A guerra dos cem anos (1337-1433, entre a França e a Inglaterra. Muitos conventos foram destruídos.

As polémicas universitárias e o contacto contínuo com os seculares que em nada ajudavam o espírito religioso de recolhimento, o estudo, a oração e menos ainda a caridade fraterna.

Movimento de Reformas

Como resposta ao espírito de relaxação que ia minando a vivência religiosa das comunidades aparecem os movimentos de reforma. Aliás, durante todo o século XV há um grande desejo de reforma no seio de toda a cristandade. No clero como nas Ordens religiosas existe um constante esforço de reforma, dando origem às Congregações de observância.

É neste movimento de reforma que entra Santa Teresa de Jesus, embora ela no princípio não tivesse intenção de reformar a Ordem. É certo que tinha desejos de viver uma vida mais exigente e que uma sua amiga lhe apresentou a possibilidade de construir um convento para viverem uma vida como as descalças de Madrid.

Andando com estes desejos, intervém o Senhor e manda-lhe construir o convento de São José de Ávila, o que se veio a realizar e inaugurar no dia 24 de Agosto de 1562. E por aí ficavam os seus desejos, até que no ano de 1567 recebe a visita do Geral da Ordem, João Baptista Rúbeo, que tinha entre mãos a reforma da Ordem decretada pelo Concílio de Trento. Ao ver a vida que as Irmãs levavam, mostrou grande desejo de ver progredir este princípio. Para isso:

"deu-me amplas patentes⁴ para novos mosteiros, com censuras para que nenhum Provincial me pudesse ir à mão. Não lho tinha pedido, contudo ele entendeu, pela minha maneira de proceder na oração, que era grande a minha vontade de ajudar as almas a irem para Deus" (F 2, 3).

O Bispo de Ávila, D. Álvaro de Mendoza, "muito amigo de ajudar as almas que pretendem servir a Deus com mais perfeição", conseguiu do P. Geral que antes de partir para Roma

"nos deixasse licença de fundar no bispado alguns mosteiros de frades descalços da Regra Primitiva. Outras pessoas lho pediram também" (F 2, 4).

⁴ As patentes de 27 de Abril de 1567 e a de 16 de Maio de 1567 podem-se encontrar na B. M. C., Vol. V, pp. 333-335.

Ao Geral não lhe faltou vontade de dar tal licença, mas devido à oposição por parte da Ordem, para evitar perturbação da Província desistiu de o fazer. Teresa de Jesus, vendo a necessidade que tinha de Padres que vivessem a mesma Regra, depois de ter encomendado o caso a Nosso Senhor, escreveu ao Padre Geral apresentando as suas razões e entre elas:

"mostrei-lhe quanto seria serviço de Nossa Senhora, de quem era muito devoto"
(F 2, 5).

O P. Geral rendeu-se às razões da Madre Teresa e desde Barcelona⁵ mandou licença para fundar dois mosteiros de Padres.

Obtidas as devidas licenças Teresa põe mãos à obra e funda o seu segundo convento nesse mesmo ano de 1567 na cidade de Medina del Campo. Aqui se encontra com um jovem Carmelita que vinha cantar a sua primeira Missa. Trata-se de Frei João de Santo Matias que viria a ser o futuro São João da Cruz. Sabendo ela que Frei João andava com ideias de ir para a Cartuxa propõe-lhe a possibilidade que ele teria de viver o espírito da Regra Primitiva dentro a Ordem da Virgem Nossa Senhora. Frei João só lhe pôs uma condição: que fosse quanto antes. Ele regressou novamente à universidade de Salamanca para terminar os seus estudos e ela prontificou-se a encontrar casa para que os religiosos pudessem iniciar a experiência de vida que ela começou com as religiosas. Frei João, no ano a seguir, sai da universidade e começa, no dia 28 de Novembro de 1568, em Duruelo, com um pequeno grupo de religiosos, a observância regular segundo a Regra Primitiva. A partir daqui, Teresa de Jesus e Frei João da Cruz, os dois, iniciam a reforma da Ordem do Carmo.

Esta obra iniciada por Teresa de Jesus e João da Cruz passa por várias vicissitudes. Foi posta em causa a sua subsistência. O problema era a integração dos conventos reformados na Ordem existente. Como a grande maioria dos religiosos não aceitava a reforma ou desaparecia esta ou separavam-se os conventos reformados da obediência aos superiores da Ordem. Foi o que veio a acontecer.

D. Teotónio de Bragança e a Reforma Teresiana

Não podemos compreender a presença dos Carmelitas Descalços em Portugal, e concretamente em Évora, sem falar de D. Teotónio de Bragança, pelas ligações que teve com Santa Teresa de Jesus. Não sabemos com certeza quando ele se instala em Salamanca e quando começou o seu relacionamento com Santa Teresa. Sabemos sim que D. Teotónio permaneceu em Salamanca até ao ano de 1578, data em que o Cardeal Infante D. Henrique, Arcebispo de Évora, o nomeou seu coadjutor com direito de sucessão, nomeação confirmada por Gregório XIII a 28 de Junho de 1578. Depois da batalha de Alcácer Quibir e o desaparecimento do rei D. Sebastião, o Cardeal D. Henrique tomou conta do governo do reino e D. Teotónio toma posse do arcebispado de Évora a 7 de Dezembro de 1578.

No epistolário teresiano encontramos 6 cartas dirigidas a D. Teotónio, a primeira de Junho de 1574 e a última de 22 de Julho de 1578. Sabemos que D. Teotónio escreveu várias cartas a Santa Teresa embora não tenhamos conhecimento do seu paradeiro⁶.

⁵ De Barcelona e não desde Valência como ela diz. Cf. F 2, 5.

⁶ O P. Ângelo Jauregui num artigo publicado na revista *Monte Carmelo* cita Barbosa que dizia que estas cartas "se conservão no thesauro da serenissima Casa de Bragança": 560 (1930), p. 342.

A meados de Junho de 1574, Teresa escreve a D. Teotónio onde faz referência a uma outra epístola que ele lhe tinha escrito, enviando ofertas para ela e para as suas monjas doentes e onde lhe propõe uma fundação de Carmelitas Descalços na cidade do Tormes que é Salamanca⁷. Teresa responde-lhe agradecendo o que fez por ela e pelas doentes e pede-lhe que interceda perante o Visitador para que a fundação de Padres em Salamanca se realize.

Um mês depois Teresa volta a responder a outra carta de D. Teotónio onde ele lhe recomenda um assunto pessoal e lhe confidencia as dificuldades que encontra na oração e o seu estado de saúde que não é nada bom. Ele é propenso à melancolia. Teresa responde-lhe aconselhando-o:

"Quando se vir oprimido, ir onde veja o céu e procure passear, pois isso não lhe tirará a oração e é preciso levar esta a nossa fraqueza de modo a que não se oprima o natural. Tudo é buscar a Deus...e é preciso levar a alma com suavidade"⁸.

Teresa mostra-lhe que continua muito interessada com a ideia de levar os Descalços para a grande cidade universitária e pede-lhe que interceda perante o Visitador.

A 15 de Setembro do mesmo ano volta a responder a D. Teotónio por carta, escrita em ambiente de muito afecto e de encruzilhada de negócios. Parece que a questão da fundação de Descalços em Salamanca vai bem encaminhada. O Visitador já falou com o Núncio e está na disposição de dar a licença para fundar o dito mosteiro. "Percebi que tem desejo de contentar V. Senhoria em tudo; alegrei-me muito".

No dia 2 de Janeiro do ano de 1575 Teresa responde a uma carta de D. Teotónio, densa de conteúdo. Ele regressou de uma viagem de negócios em que nem tudo lhe correu bem. D. Teotónio continua muito interessado pelas fundações teresianas e tem muitos projectos: Salamanca (monjas e frades), Zamora, Torrijo, Madrid, "mosteiro da condessa". Indica a Teresa um caminho seguro para a correspondência. Teresa de Jesus está a ser muito criticada pelas suas saídas da clausura. D. Teotónio mostra-se apologista dessas saídas uma vez que tem licença do P. Geral para realizar todas as fundações que se lhe oferecerem. Nesta carta D. Teotónio confidenciou-lhe as dificuldades que tem na sua vida espiritual.

Sucede-se um interregno de três anos na correspondência entre D. Teotónio e Teresa de Jesus. Esta correspondência foi reatada quando D. Teotónio já se encontrava em Évora. Teresa responde a 16 de Janeiro de 1578 a duas cartas dele. É uma carta bem longa, nada menos que sete páginas. Pela resposta de Teresa podemos ver os assuntos tratados por D. Teotónio nas suas cartas. Este pede-lhe notícias acerca dos acontecimentos bem dolorosos pelos quais está a passar a Reforma e comunica-lhe sigilosamente a sua nomeação para a sede episcopal de Évora e propõe-lhe uma fundação teresiana na sua diocese e novamente se queixa das dificuldades na sua vida interior.

Teresa ao responder mostra-lhe a grande alegria que sentiu pela sua elevação ao episcopado e com muita pena tem que lhe dizer não a essa fundação pedida. A Reforma encontra-se numa situação muito complicada. Teresa vê que tudo vai acabar. O novo Núncio Segá e o Visitador Jerónimo Tostado, que também é Visitador da Ordem em Portugal, são contra a Reforma. São João da Cruz foi raptado de noite e desconhece-se o seu paradeiro, as monjas da Encarnação foram excomungadas e o P. Gracián está desalentado pelas humilhações e calúnias de que tem sido vítima. Entre muitas coisas Teresa escreve:

⁷ Teresa de Jesus tinha conhecido D. Teotónio por Janeiro–Março de 1574 provavelmente em Salamanca. Cf. TOMÁS ALVAREZ, em *Obras Completas de Santa Teresa de Jesus*, Edições Carmelo, Paço de Arcos, 2000, p. 1191, nota, 1.

⁸ Carta enviada de Segóvia a 3 de Julho de 1574.

"V. Senhoria tem obrigação de favorecer esta Ordem e tem que saber os inconvenientes que há em ir para ai [Portugal-Évora]...o nosso padre Geral, que reuniu um Capítulo onde determinaram, por ordem do padre Geral, que nenhuma descalça pudesse sair do seu mosteiro, particularmente eu; que escolhesse o que quisesse, sob pena de excomunhão".

E continua Teresa:

"Vê-se claramente que é para não se fazerem mais fundações de monjas".

Teresa aproveita todas as possibilidades havidas para continuar a sua obra, por isso lembra a D. Teotónio:

"Se V. Senhoria se encontrasse com o Protector da nossa Ordem⁹, que dizem ser sobrinho do Papa, ele o alcançaria do nosso padre Geral; entendo que será grande graça de nosso Senhor que V. Senhoria o procure e fará grande mercê a esta Ordem"¹⁰.

Ano e meio depois, 22 de Julho de 1579, Teresa volta a escrever a D. Teotónio e faz referência a uma longa carta que lhe tinha enviado na semana anterior juntamente com o "livrito". O motivo desta carta são dois acontecimentos importantes: o primeiro refere-se ao "livrito". Trata-se do *Caminho de Perfeição*, obra escrita por Teresa de Jesus", que D. Teotónio se prontificou a publicar em Évora, mas por causa das dificuldades com a Inquisição de Lisboa só sairia do prelo alguns meses depois da morte de Teresa (Évora 1583). D. Teotónio faz preceder a publicação deste livro de Santa Teresa de uma carta-proémio dirigida às leitoras Carmelitas que começa da seguinte maneira:

"Entre as mercês, que de Nosso Senhor tenho recebido, não é menor o haver-me dado familiar conhecimento da muito reverenda madre Teresa de Jesus, que está em glória, porque nela vi resplandecer os dons de Nosso Senhor e de sua divina graça; do que dão testemunho os conventos de religiosas que ela fundou e reduziu à primeira regra de Nossa Senhora do Carmo sem nenhuma mitigação"¹¹.

E o outro motivo que a leva a escrever é a morte do Cardeal D. Henrique, Rei de Portugal e tio de D. Teotónio. A carta a que Teresa faz referência extraviou-se. Nesta que escreve agora faz referência à anterior (extraviada) onde o punha a par de como as coisas que diziam respeito à Reforma iam correndo bem e como a mandaram ir a Salamanca.

⁹ Trata-se do Cardeal Filipe Buoncompagni.

¹⁰ Carta escrita de Ávila a 16 de Janeiro de 1578.

¹¹ SANTA TERESA DE JESUS, *Caminho de Perfeição*, Ed. Machado & Ribeiro, L.da Porto, 1946, p. 5.

Teresa pede agora a D. Teotónio:

"Por amor de Nosso Senhor, não deixe V. Senhoria de me dar notícias da sua saúde (ao menos para remédio da soledade que me há-de dar não encontrar V. Senhoria naquele lugar) [Salamanca] e V. Senhoria faça-me saber se há por ai alguma boa nova de paz, pois traz-me muito aflita o que por cá ouço, como escrevi a V. Senhoria; porque se, por meus pecados, este negócio se resolve pela guerra, temo grandíssimo mal nesse Reino, e a este não pode deixar de vir grande dano".

Teresa tem notícia que é o Duque de Bragança, D. João, que sustenta essa guerra e como é sobrinho de D. Teotónio, ela desabafa:

"dói-me na alma".

E pede ao arcebispo:

"Por amor de Nosso Senhor – pois, com razão, V. Senhoria será muito ouvido para isto pelo Duque –, procure que se concertem as coisas".

Teresa prefere a morte a ver a guerra:

"Praza a Sua Majestade pôr nisto as Suas mãos, como todas Lhe suplicamos; e eu digo a V. Senhoria que o sinto tão ternamente que, se Deus permitir que se chegue a tanto mal, desejo a morte para não o ver"¹².

Por tudo isto vemos que Santa Teresa tinha em D. Teotónio um amigo e como esta amizade era recíproca. Se ela não pôde satisfazer os seus desejos era por razões que a ultrapassavam.

Carmelo Teresiano em Portugal

Uma vez que a convivência entre Carmelitas reformados e não reformados se tornava impossível, os reformados chegaram à conclusão que só a separação resolvia o problema. Os reformados ou descalços gozavam de grande prestígio entre o povo e na Corte. Teresa de Jesus já tinha escrito uma carta a Filipe II pondo-o a par da situação:

"Há quarenta anos que vivo com eles, e olhando todas as coisas, vejo claramente que se não se faz província independente de Descalços, e com brevidade, far-se-á muito mal, e considero impossível poder ir adiante"¹³.

¹² Carta escrita de Valladolid a 22 de Julho de 1579.

¹³ Sevilha, 19 de Julho de 1575.

Apoiados como estavam pelo núncio Ormaneto iam resistindo sem dificuldades maiores. Chegaram mesmo a convocar o seu "Capítulo" a 3 de Agosto de 1576, sob a responsabilidade do P. Gracián, que tinha patente de Visitador. Era intenção do P. Gracián proclamar a separação do Carmelo Descalço da jurisdição da Província de Castela e constituir-se em "Província e Congregação " independentes, uma vez que já eram nove os conventos de descalços e dez de descalças. Isto veio a acontecer no Capítulo celebrado em Alcalá em Março do ano de 1581, não sem muitas dificuldades e sofrimentos. Aqui foi eleito superior da nova Província o P. Gracián. Entre os vários assuntos tratados e decididos encontrava-se a entrada da Reforma no Reino de Portugal.

Uma vez que o Provincial, P. Gracián, não podia vir a Portugal por motivos de governo, escolheu como seu representante o P. Ambrósio Mariano de São Bento,¹⁴ que vem a Lisboa tratar dos assuntos para a respectiva fundação. Como italiano que era seria melhor recebido que um castelhano. Aliás, era bem conhecido de Filipe II, que acabava de anexar o reino de Portugal a Castela. Ambrósio Mariano, reconhecido na Europa como bom matemático e melhor géometra, ao vir para Espanha, Filipe II entregou-lhe o projecto de tornar navegável o rio Guadalquivir. O rei reconhecia os seus méritos e estimava-o. Portanto a escolha não podia ser mais acertada.

O P. Ambrósio Mariano, acompanhado de mais sete religiosos escolhidos para introduzir a Reforma teresiana em Portugal, chegou a Lisboa no dia 1 de Outubro de 1581, passando antes por Ávila para se despedirem de Teresa de Jesus e receberem a sua bênção.

Uma vez que ainda não tinham casa própria, ficaram hospedados no convento do Carmo dos Carmelitas Calçados, magnífico edifício fundado pelo condestável de Portugal Nuno Álvares Pereira. Aqui foram magnificamente atendidos pelos seus irmãos de hábito e ajudados a encontrar casa própria.

Filipe II, ao saber que o P. Mariano se encontrava em Lisboa, alegrou-se imenso e imediatamente o recebeu em audiência, oferecendo-se, ao mesmo tempo, para lhes construir convento por sua conta, o que o P. Mariano gentilmente declinou por temer uma construção que não fosse muito de acordo com a pobreza teresiana. O rei ficou edificado com o espírito que animava o P. Mariano e não deixou de lhe dar boa esmola para a compra de casa que servisse à dita fundação. Além disto atribuiu-lhes uma renda anual.

A notícia desta audiência percorreu rapidamente a cidade de Lisboa e o P. Mariano caiu em graça a toda aquela gente. Facilmente granjeou a simpatia de nobres e fidalgos portugueses.

Não menos íntima foi a audiência com o Arcebispo de Lisboa, D. Jorge de Almeida que admirou sobremaneira a cultura e espírito religioso do P. Mariano. Obtidas as devidas licenças para a fundação, o Arcebispo não só as concedeu de bom grado, como enviava à comunidade, de vez em quando, algumas esmolos.

¹⁴ O P. Ambrósio Mariano nasceu na cidade de Bitonto, no Reino de Nápoles, de Nicolau de Azaro e Policena de Clementis sua mulher, ambos nobres e ricos. Chamou-se Ambrósio Mariano Azaro. Sobressaiu nos estudos das Matemáticas, particularmente na Geometria, de tal maneira que se igualou aos bons matemáticos do seu tempo. Foi condiscípulo e amigo de Jacob Boncompagni que depois subiu à cadeira de S. Pedro com o nome de Gregório XIII. Participou no Concílio de Trento onde sobressaiu pela sua cultura e sagacidade. O Concílio incumbiu-o de certas diligências, que em matéria de religião se deviam fazer na Alemanha, Flandes e outros reinos. Vindo para Espanha, o Rei entregou-lhe o projecto de tornar navegável o rio Guadalquivir. Ao querer tomar estado na vida fez uns exercícios espirituais na Companhia de Jesus. Tomou contacto com um eremita que vivia no deserto do Tardon e acabou por tomar a decisão de também ele se fazer eremita. Nos primeiros dias de Junho de 1569, passando a Madre Teresa por Madrid a caminho de Pastrana onde ia fundar, encontrou-se com Ambrósio e o seu companheiro João que ali estavam a pedido do rei. Teresa de Jesus convidou-os a entrar na sua reforma, o que veio a acontecer. Um mês mais tarde tomou o hábito de Carmelita e instalou-se com o seu companheiro João da Miséria e o P. Baltasar de Jesus na ermida de S. Pedro de Pastrana. Fez a sua profissão religiosa no dia 10 de Julho de 1570 e ordenou-se sacerdote em 1574.

Encontrada casa na Pampulha, não longe de Belém, fora de Lisboa, numa bonita proeminência sobre o Tejo, para aí se trasladaram no dia 14 de Outubro de 1581. Nessa manhã o sino chamava a congregar para a primeira missa que se ia celebrar. Seguindo o ritual teresiano, acto contínuo, colocou-se o Santíssimo Sacramento e estava realizada a fundação. Horas mais tarde, os Padres Calçados cantaram missa solene com sermão.

As Carmelitas Descalças em Portugal

A vida exemplar dos Carmelitas Descalços de São Filipe sob a direcção do P. Ambrósio Mariano de São Bento criou muitas amizades na capital lisboeta. Por isso a Reforma teresiana foi acolhida com a mesma simpatia pelo povo português como pelo espanhol. Muitos cavalheiros e fidalgos desejavam ter na capital uma comunidade de Carmelitas Descalças¹⁵. Lisboa oferecia facilidades que outra cidade não podia dar. Apresentado o projecto por nobres pessoas ao P. Mariano que muito agradeceu e prometeu fazer chegar o mais depressa possível ao P. Provincial. O mesmo projecto foi apresentado ao Cardeal Alberto, que achou excelente a ideia e incumbiu o P. Mariano de realizar quanto antes o que a Câmara tinha pedido. No dia 16 de Outubro o P. Mariano pôe-se a caminho de Sevilha para se encontrar pessoalmente com o Provincial.

O caso das Carmelitas Descalças era assunto delicado. Poderia criar-se um contencioso entre as dioceses de Lisboa e Évora. Já em vida da santa D. Teotónio de Bragança, Arcebispo de Évora, lhe tinha pedido uma fundação de Carmelitas Descalças na sua diocese. Esta só não se fez na altura devido às guerras de sucessão. D. Teotónio já tinha casa preparada e renda.

Quando este teve conhecimento que Lisboa também o intentava, reclamou o direito que lhe assistia para ter a primeira comunidade que se estabelecesse em Portugal. Quando o Provincial, P. Gracián¹⁶, teve conhecimento do pedido de Carmelitas Descalças para a cidade de Lisboa não deixou de ficar perplexo. Ele era conhecedor das diligências feitas, durante vários anos, por D. Teotónio de Bragança perante a madre Teresa. Era verdade as povoações serem desiguais em importância, mas as relações mantidas por D. Teotónio com a santa pesavam muito sobre o Provincial. Se era duro para Gracián contrariar D. Teotónio, não era menos contrariar o Cardeal Governador e os nobres da cidade de Lisboa que esperavam com impaciência a Carmelitas Descalças.

O Provincial acabou por tomar a decisão: Lisboa era a capital do reino e nela se podia fundar em pobreza absoluta, como desejava a Madre Fundadora.

Resolvido o embaraço o P. Gracián escolhe as religiosas que poderiam constituir a nova comunidade. Sobre a Priora não existe discrepância. Maria de São José é a pessoa mais indicada¹⁷. Era a predilecta de Teresa de Jesus, educada por ela, amiga do recolhimento e

¹⁵ Quem mais se mostrou interessado na vinda das Carmelitas para Lisboa, foram D. Duarte de Castelo Branco, Conde do Sabugal, D. Luís de Alancastre, Comendador mór de Aviz, e D. João Lobo, Barão de Alvíto. Estes senhores fizeram com que os vereadores da Câmara insistissem perante o P. Mariano para que as Carmelitas viessem. Também tiveram grande influência no P. Mariano as filhas do Conde de Linares, religiosas da Anunciada. Cf. BERCHIOR DE S. ANA, *Chronica de Carmelitas Descalços, particular do Reyno de Portugal e Provincia de Sam Filipe*, t. I, l. I, cap. XXIV, p. 123.

¹⁶ O P. Jerónimo Gracián nasceu em Valladolid a 6 de Junho de 1545. Estudou na Universidade de Alcalá e, ordenado sacerdote em 1571, ingressou no Noviciado de Pastrana em 1572, onde professou a 25 de Abril de 1573. Foi visitador de Carmelitas desde 1573 até 1578. Em 1581 foi eleito primeiro Provincial da família teresiana no Capítulo de Alcalá. Foi expulso da Ordem pelo seu sucessor no provincialato. P. Nicolau Dória (17 de Fevereiro de 1592), que previamente tinha intentado afastá-lo para o México (1587). Viaja a Roma com o intuito de submeter o seu caso ao Papa Clemente VIII e cai prisioneiro dos piratas tunisinos (1593). Esteve preso nas masmorras de Túnis, das quais foi resgatado a meados de 1595. Uma vez em Roma, o Papa reintegra-o novamente no Carmelo teresiano (6 de Março de 1596), mas não consegue ser admitido pelos Descalços. Morre no convento dos Padres Carmelitas Calçados de Bruxelas a 21 de Setembro de 1614.

¹⁷ Maria de S. José (Salazar) nasceu em Toledo em 1548. Parece que estava aparentada com os duques de Medinaceli e de muito pequena viveu no palácio de D. Luísa de la Cerda. Aqui a encontrou Santa Teresa em 1562, quando foi enviada pelos superiores a fazer companhia e consolar a D. Luísa de la Cerda, pela morte do marido em 1561. Seis anos mais tarde, quando Santa Teresa volta a Toledo

observância, com muito engenho, com muito capacidade de relação com as pessoas e conhecedora como ninguém da espiritualidade teresiana. Para além de Maria de São José foram escolhidas mais três irmãs¹⁸. Acompanhadas pelo P. Provincial, pelo Padres António de Jesus, prior dos Remédios, e Ambrósio Mariano e companhia saíram de Sevilha no 10 de Dezembro em direcção de Lisboa via Olivença com a intenção de não passarem por Évora receando que D. Teotónio lhes saísse ao caminho e não as deixasse continuar viagem retendo-as na sua diocese. Apesar de algumas peripécias havidas na viagem¹⁹ chegaram ao seu destino, Lisboa, a 24 de Dezembro de 1584. No porto encontravam-se os seus irmãos de hábito e muita gente distinta esperando a chegada das Carmelitas Descalças. Ali mesmo se formou uma procissão em direcção ao convento dos Descalços onde se cantou um *Te Deum* de acção de graças.

O Carmelo Teresiano em Évora

D. Teotónio de Bragança, apesar de não ter conseguido realizar o seu sonho, que consistia em trazer para a sua diocese a Madre Teresa de Jesus e as suas religiosas, ao saber que o Provincial dos Carmelitas Descalços tinha licença para fundar três conventos em Portugal

"escreveu-lhe uma carta cheia de grandes honras e favores em que lhe comunicou que levaria muito o grande gosto de sua reverência mandar fundar um mosteiro na cidade de Évora que pelas suas excelentes qualidades era terra muito acomodada para viverem os religiosos pobres sem que os cuidados do temporal lhes perturbassem a observância como costuma suceder nos lugares que não são ricos"²⁰.

A esta carta respondeu o Provincial prometendo enviar brevemente religiosos para darem início ao mosteiro. Foram escolhidos os padres Fr. Jerónimo de Santo Hilarião que havia de ser vigário, Fr. António de S. Francisco, Fr. Gaspar dos Reis, Fr. Eliseu de Santo Ângelo, Fr. Diogo da Trindade e Fr. António do Santíssimo Sacramento. Os dois primeiros foram enviados antes para conseguirem

para tratar com D. Luísa a fundação de Malagón, Maria de S. José tomou a decisão de seguir Teresa e suas companheiras, contudo só vestiu o hábito dois anos mais tarde, em Malagón (7 de Maio d 1570), quando contava 22 anos de idade. Professou a 11 de Junho do ano seguinte. De Malagón passou a Toledo de onde a Santa, em 1575, a tomou para fundar em Beas com intenção de a nomear priora de Caravaca. Quando no ano de 1576 Santa Teresa voltou de Sevilha para Toledo aí deixou de priora Maria de S. José. Em Dezembro de 1584 o P. Gracián mandou-a como priora para a nova fundação de Lisboa. Em 1603 o P. Francisco da Mãe de Deus, superior Geral da Ordem, ordenou-lhe que no meio do maior segredo deixasse Lisboa e se trasladasse a Talavera de la Reina onde devia esperar nova conventualidade. Chegou a Talavera no dia 7 de Setembro e oito dias depois foi mandada recluir no convento de Cuerva. Uma vez que a sua saúde era periclitante veio a falecer nove dias depois de chegar. Dela diz o P. Gracián: "Una de las mujeres de mayor pureza, santidad, espíritu, prudencia e discreción que después de la Madre Teresa de Jesús he conocido en la Orden, y la que más trabajo y contradicciones padeció por estar firme en que no se mudasen las leyes que su Madre Teresa les dejó ordenadas" *Peregrinación de Anastasio*, Diálogo XIII. Santa Teresa que muito a apreciava e à qual a unia um profundo afecto escreve numa carta: "Si mi parecer se hubiera de tomar, después de muerta (yo) la eligieran por fundadora, y aun en vida..." (cta 435, 1).

¹⁸ Mariana dos Santos (Vanegas), Branca de Jesus (Freile), filha de um rico português e Inês de Santo Eliseu (Morales). O P. Gracián recomenda a Maria de S. José que à hora de escolher as irmãs que a deviam acompanhar à nova fundação "fossem bem fundadas nas coisas da fé, e desapegadas de milagres e revelações, porque se dava em Lisboa crédito às falsas chagas de uma mulher, e se fazia caso de suas revelações, e santidade fingida" (*Chronica de Carmelitas Descalços...*, t. I, l. I, cap. XXIV, p. 125).

¹⁹ Nada mais entrar em Portugal saiu-lhes ao encontro um grande cão raivoso. Arremeteu contra o P. António de Jesus atirando-o por terra. O mesmo fez ao P. Jerónimo Gracián que imediatamente foi socorrido por Pedro Cerezo. Ferido, o animal tornou-se mais raivoso, mordendo uns quantos cavalos. Dois deles acabaram por morrer alguns dias depois. Cf. *Chronica de Carmelitas Descalços...*, t. I, l. I, cap. XXIV, p. 127. O P. Gracián também narra o acontecimento no seu livro *Peregrinación de Anastasio*, Diálogo XIII. O cronista português serviu-se da relação que desta viagem escreveu Maria de José.

²⁰ *Ib.*, p. 338s.

as devidas licenças e escolherem o local para a fundação. O Arcebispo recebeu-os com "grande demonstração de gozo e benignidade" e deu-lhes a licença por escrito no primeiro de Dezembro de 1594, com as seguintes palavras:

"Por nos constar do muito fruto que podiam fazer os carmelitas descalços neste nosso arcebispado, nas pregações e confissões e outros ministérios que os ditos padres usam para proveito e salvação das almas como se tem visto nos lugares onde estão e residem; e além disso por havermos particularmente tratado coisa da nossa alma com a Madre Teresa de Jesus que foi uma religiosa de grande perfeição, santidade e doutrina e que procurou orientar a sua Ordem de Nossa Senhora do Carmo ao rigor dos seus princípios e grande pobreza e penitência que usam: e pela devoção que lhe temos e também para animar as outras religiosas a sustentar-se na reforma em que vivem e procurarem ainda mais de se conformarem com o modo e perfeição com que viviam no tempo dos seus fundadores, lhe concedemos licença para fundarem, etc.." ²¹.

Para começarem o convento o Arcebispo deu-lhes umas casas à porta de Raimundo e uma ermida vizinha a elas de Nossa Senhora dos Remédios, imagem de muita devoção para aquela cidade bem como para os lugares vizinhos.

Obtidas as licenças do ordinário e da Câmara da cidade comunicaram ao Provincial que mandou com os religiosos já nomeados, o irmão Fr. Lourenço, leigo, e os irmãos Fr. Pedro de Santa Maria e Fr. Pedro de S. Francisco que eram noviços, começando o noviciado perfeito naquela casa à qual se deu início a 9 de Dezembro de 1594, com a invocação de Nossa Senhora dos Remédios.

O Arcebispo sempre mostrou grande interesse pelo bem-estar espiritual e material destes religiosos achando-os

"em tudo o que quis conhecer deles tão perfeitos e de tanto espírito que lhes ficou muito mais afeiçoado do que era antes e dizia: *Que folgaria ter muitos daqueles no seu arcebispado*: e deu a entender muitas vezes que se não trouxera entre mãos a magnífica obra da cartuxa desde o ano de mil e quinhentos e oitenta e sete, sem dúvida lhes faria o convento conforme as suas leis e não com a grandeza que eles antes não quiseram admitir..." ²².

Vinha muitas vezes até ao pequeno convento sem criados e sem fausto algum e com o primeiro religioso que encontrava sentava-se num poial a falar de coisas espirituais, não querendo perturbar de modo algum o trabalho do superior. Muitas vezes dava ordens para comporem a casa e arranjar os bancos à sua maneira. Dizia muitas vezes ao porteiro "que mandasse buscar ao seu Paço tudo o que faltasse para o sustento da comunidade e para regalo dos enfermos" ²³.

Para além do apoio do Arcebispo tinham a simpatia dos cônegos e de todo o povo:

²¹ *Ib.*, p. 340.

²² *Ib.*, p. 341.

²³ *Ib.*

"Reverenciavam todos os do povo a sua santidade, admiravam-se da aspereza da sua vida e julgavam-nos por homens mandados da mão de Deus para o desengano de quantos estavam influenciados pelo mundo: viam que todas as suas práticas eram do céu e o trato cheio de alegria, de glória e extraordinária a mortificação"²⁴.

Teresa de Jesus receava que uma fundação fosse de Deus se não houvesse oposição a ela, que é o que acaba por acontecer nesta. Escreve o cronista:

"O diabo que receava o dano de tão luzido esquadrão que entrava de refresco no campo, armou com o seu infernal sopro contra ele alguns émulos que nunca faltam ao melhor. Os quais zelosos das suas comodidades que julgavam menores com razões coradas e juntamente alegando que entraram eles ali sem provisão real tiveram uma pela qual mandou o rei que saíssem da cidade ainda que havia mais de dois anos que residiam nela. Determinaram estes mal affectos atalhar o novo edificio que Deus plantara para sua honra, mas todos os meios que buscavam para isso tiveram pouco fruto que sempre o tiram tais indústrias humanas quando têm contra si a vontade divina, antes sempre esta ordena as perseguições dos bons para maior crédito deles"²⁵.

Que justificação havia para esta oposição ao novo convento? Os religiosos não tinham requerido até aquele momento o alvará real para esta fundação o que fez com que Filipe III assinasse um decreto de expulsão dos Carmelitas de Évora. Então o corregedor, imediatamente, se apresenta no convento e notifica os religiosos da provisão com ordem de deixarem a cidade de Évora no espaço de quinze dias. A reacção da população não se fez esperar. Em pouco tempo juntou-se

"na casa da câmara o melhor do povo que encheu as suas duas casas, as varandas e muita parte da praça e com um devoto e piedoso motim clamaram todos: *Que de nenhum modo haviam de consentir saíssem os nossos religiosos da cidade, que se fossem muito embora dela os que lhe parecesse que com eles se não podiam sustentar*".

Vista a reacção da população, os vereadores, Henrique Mendes Casco e Gonçalo Vaz de Camões, fidalgos da casa do rei, e Rui de Valadares, Procurador do Conselho, pediram encarecidamente aos religiosos que não saíssem da cidade uma vez que os procuradores do povo assim o requeriam por verem por experiência o muito fruto que faziam com o exemplo da sua vida, pregações e sacramentos.

Então

"o licenciado Pedro Godinho da Câmara, Juiz de Fora, mandou fazer um termo pelo escrivão da câmara para dar parte do sucedido a sua majestade e com ele despachou dois próprios, um a Madrid, outro a Lisboa aos governadores do reino com duas cartas, uma da câmara, outra aos fidalgos, assinada com os nomes de todos, a favor e abono dos nossos religiosos; pedia-se nelas quanto proveitosos e necessários eram àquela cidade e pedia-se com muita força ao rei revogasse a

²⁴ *Ib.*, p. 342.

²⁵ *Ib.*

sua provisão e passasse outra para ficarem os religiosos seguros da sua fundação".

Revogada a provisão régia e serenados os ânimos, o Prior, Fr. José de S. João, propôs ao Capítulo conventual a compra de uns terrenos de Violante de Noronha, que estavam junto e fora de portas de Alconchel. O Prior que se lhe seguiu, Fr. Pedro de S. José começou as obras do novo convento em 26 de Novembro de 1602 e quatro anos mais tarde, embora não totalmente acabadas as obras, foi o edifício parcialmente ocupado pelos religiosos. A grande generosidade dos eborenses concorreu sobremaneira à realização destas obras.

A imagem de Nossa Senhora dos Remédios que se encontrava na antiga ermida foi levada para o novo convento e colocada na capela provisória até que a nova Igreja estivesse construída, o que veio a acontecer no ano de 1614.

D. Teotónio porque andava muito ocupado na construção da Cartuxa não pode dar a ajuda como ele desejava à construção no novo convento dos Carmelitas. Como veio a falecer foi o seu sucessor, D. José de Melo que em 21 de Junho de 1625 tomou ao seu cuidado o Padroado do convento, em cujo templo ele desejou ser sepultado. Mandou abrir no topo esquerdo do transepto um nicho sarcófago para os membros da sua nobre família.

O convento, uma vez que estava situado próximo das fortificações da cidade, foi muito castigado pelas guerras e invasões estrangeiras, que aconteceram nesta região. Durante as guerras da restauração o Convento dos Remédios foi ocupado pelas tropas do Príncipe D. João de Áustria em luta com a infantaria eborense que se tinha alojado para oferecer resistência ao exército do general castelhano.

D. João de Áustria invadiu o convento e ao entrar na clausura encontrou-se com a comunidade reunida em oração mental. Ficou profundamente impressionado com a paz e serenidade dos religiosos. Estes tiveram que se retirar para outras casas.

Oito dias depois de grande combate, o comandante militar entregou a praça ao invasor. Trinta e seis dias mais tarde – 25 de Junho de 1663 – era reconquistada pelo exercito português, sendo o convento carmelita teatro de novas operações militares.

Devido à situação estratégica do Convento dos Remédios o Conselho de Guerra decretou que fosse demolido, o que nunca veio a acontecer. O rei Afonso VI ofereceu, então, aos religiosos o Palácio Real da Casa de Bragança para que se mudassem para lá. Devido ao conceito de pobreza que tinham declinaram a oferta em benefício dos Padres Calçados cujo convento também tinha sido demolido.

Em 1808 o Convento dos Remédios foi novamente atacado pelo general francês Loison à frente dum numeroso exército que deixou marcas de violência e crime nesta região. Quatro sacerdotes, três irmãos leigos e um estudante foram assassinados pelas tropas napoleónicas. Diz o P. Fr. Joaquim de Santa Teresa testemunha ocular destes acontecimentos:

"...mataram um Padre e hum leigo na Ruanda; dois Padres e o estudante no Convento Novo, hum Padre na horta de Durão, hum Leigo na horta do Ildefonso; e outro Leigo mesmo no convento o mataram, que foi o único religioso que nele acharam. Ao Superior, vindo no outro dia da batalha ao convento, o quiseram enforcar, para o que lhe tinham já atado a corda da alampada ao pescoço, e

estando já para o levarem acima, chegou outro francês à porta que sai do claustro para a igreja e suspendeu a execução"²⁶.

Este convento foi casa de estudos, onde se ensinou Filosofia e Moral. Em 1821, a comunidade era composta por 12 sacerdotes e 5 irmãos leigos. A 26 de Maio de 1833, teve lugar a capitulação de D. Miguel em Évora-Monte na contenda liberal-absolutista. E a 13 de Junho do ano seguinte, ao ser declarada a extinção das ordens religiosas, eram 10 religiosos residentes, além de 8 ausentes, como consta na declaração do último Padre Presidente, Fr. Francisco da Conceição. Por este convento passaram Padres famosos na ordem, como por exemplo Fr. Sebastião da Conceição que foi Superior Geral da Congregação de S. José de Espanha, eleito em Pastrana a 6 de Maio de 1718 e Fr. Manuel de Jesus Maria que desempenhou também o cargo de Geral da mesma Congregação. A 30 de Julho de 1839 o cercado do convento foi concedido à Câmara Municipal para Cemitério público, e a igreja e algumas dependências anexas fora destinadas aos serviços funerários, sendo outras salas conventuais ocupadas pela secção de higiene e limpeza da cidade.

Carmelitas Descalças em Évora

Teresa de Jesus tinha um grande desejo de satisfazer os insistentes pedidos de D. Teotónio de Bragança que queria ter na sua diocese um convento de Carmelitas Descalças. Ela manifesta-o em carta a Maria de S. José, Priora de Sevilha: "Certamente que, para mim, seria muito agradável", referia-se ao envio de Carmelitas para Évora.

Depois de muitas dificuldades ultrapassadas, a família dos Silvas cedeu em benefício das Carmelitas a casa apalaçada que possuía junto às portas de Avis, freguesia de S. Mamede, sendo suas executoras Eugénia e Feliciano. No dia 13 de Março de 1681 iniciaram a vida de comunidade um grupo de religiosas vindas do convento de Carnide e das Albertas. No mesmo dia tomaram o hábito a fundadora Eugénia da Silva, Teresa Segurada e Maria de S. José. A outra fundadora D. Feliciano já tinha falecido.

O Arcebispo, D. Luís da Silva construiu-lhes por sua conta em 1695 um novo dormitório de que a comunidade muito precisava. Sobre a porta do mosteiro está gravado na pedra o ano de 1721 e no friso da entrada principal da igreja o de 1730.

Também esta comunidade de Carmelitas foi vítima da violência e desacatos da invasão francesa. A Priora da comunidade, M. Tomásia Josefa de Santa Teresa deixou o seguinte relatório:

"...se fez fogo contra o convento de forma espantosa; aumentou a nossa aflição ao entrarem os franceses atirando muitos tiros pela portaria e pela igreja, onde ficaram mortas muitas pessoas [...]. Derrubaram a porta da clausura e entraram por dentro, executando os seus crimes e nós esperando o martírio. Pediram o dinheiro com os cutelos na mão e se lhes deu o que tinha a Comunidade e nos deram muita pancada. As religiosas saíram como puderam para umas casas amigas do convento no dia 29 de Julho de 1808. Aqui deram a morte ao P. Fr. Veríssimo de Nossa Senhora do Carmo e ao P. Boticário, Fr. Francisco da Assunção, conventuais carmelitas descalços dos Remédios"²⁷.

²⁶ JOSÉ JOAQUIM DA SILVA, *Évora lastimosa*, 1809, p. 78.

²⁷ JOSÉ JOAQUIM DA SILVA, *Évora lastimosa*, 1814, p. 68.

Este convento foi suprimido a 19 de Outubro de 1886, devido às leis liberais. Actualmente é Colégio de órfãs, dirigido pelas religiosas Salesianas Auxiliadoras e conhecido pelo nome de "Convento novo".

E termino a relação deste convento com as palavras do distinto historiador da Ordem, P. Silvério de Santa Teresa:

"A fundação de monjas de Évora é sem dúvida um dos melhores conventos que dentro do mais estrito espírito teresiano se edificaram. Em parte nenhuma vi casas de Descalças tão completas, como em Portugal [...]. É o de Évora um tal, para Descalças, que podia ser muito bem apresentado como modelo em quase toda a sua construção para fábricas similares [...]. Tenho para mim que a Província de S. Filipe teve para as suas monjas um modelo de construção mais perfeito que os de Espanha"²⁸.

*P. Jeremias Carlos Vechina
ocd, Fátima*

²⁸ P. SILVERIO DE SANTA TERESA, *Historia del Carmen Descalzo...*, t. X, c. XXXV, p. 878, Burgos, 1942.